

7. A presença que tudo salva

A presença de Jesus muda tudo, faz novas todas as coisas: “Eis que faço novas todas as coisas”, diz o Senhor no Apocalipse (Ap 21, 5). Jesus faz novas todas as coisas salvando-nos, vindo salvar-nos. Deus poderia ter-nos salvado do Céu. Em vez disso, veio para nos salvar com a sua presença, como o exprime uma frase de São Bernardo que cito sempre: “Quis vir Aquele que poderia ter-se contentado em nos socorrer” (*Sermão 3 para a Vigília de Natal*).

É a promessa feita por Deus por meio do profeta Jeremias: “Concluirei com eles uma aliança eterna e não me afastarei mais deles para lhes fazer o bem; porei nos seus corações o meu temor para que não se afastem de mim” (Jr 32, 40).

Estamos salvos se Deus está conosco. Não basta que Deus faça algo por nós, que nos faça o bem de longe. Isto Ele o faz sempre e de qualquer modo, dando-nos o existir, dando-nos cada instante da nossa vida. Mas isto Ele o faz também às pedras, às plantas e aos animais. Existir, para cada criatura, é dom gratuito da bondade de Deus. Nós, porém, não fomos feitos por Deus somente para existir, mas para *estar com Ele*, para uma relação de amor com Ele, fomos feitos para viver no paraíso, isto é, na condição na qual a comunhão com Deus é puro amor e alegria recíprocos. Sim: “*ESSE CUM IESU PARADISUS*”.

À luz disso compreendemos também o que significa o “temor de Deus” de que fala Jeremias, e que retorna frequentemente na Bíblia e na Regra de São Bento.

O verdadeiro “temor de Deus” não consiste em ter medo da presença de Deus, mas em temer perdê-la. Quando Adão e Eva se esconderam depois do pecado, quando Deus veio passear no jardim do Éden e chamá-los, não tiveram “temor de Deus”, mas somente medo de Deus, medo da sua punição. Projetaram sobre o Senhor o seu sentimento de culpa. Tinham medo de não poder defender-se da punição do Senhor. Em vez disso, Deus, que é amor, como diz Jeremias, não pode vir a nós senão para beneficiar-nos, senão para nos fazer o bem, mesmo que tenhamos pecado, mesmo que o tenhamos ofendido. A Judas, que vem até Jesus para traí-lo, Jesus diz: “Amigo!”. Mas Judas não vai até Jesus para estar com Ele, para aderir à sua presença, mas para entregá-lo, para livrar-se d’Ele, a fim de que os guardas o prendam e o levem para longe dos seus discípulos e amigos. Judas aproxima-se de Jesus e beija-o para suprimir a sua presença do meio deles, a sua presença no mundo e, portanto, a salvação. Ele não imagina que justamente esta entrega tornará a presença de Cristo ainda mais real, mais doada e, portanto, mais salvífica para todos, salvo para quem a rejeita.

Na Regra de São Bento retorna com frequência a exigência do *timor Domini*, do temor de Deus, para se viver com verdade a vocação monástica e cada tarefa que nos possa ser confiada no mosteiro. E toda vez o temor de Deus é requerido para que se possa aderir à presença do Senhor nos irmãos, nos doentes, nos hóspedes e peregrinos, isto é, para que se possa reconhecer e servir adequadamente a presença encarnada de Cristo.

Para São Bento, o temor de Deus é uma questão de amor a Deus e ao próximo, a Deus no próximo. Com efeito, no capítulo 72 ele resume o sentido justo do temor de Deus, pedindo que os monges “temam a Deus com amor – *amore Deum timeant*” (RB 72, 9).

Compreender o temor de Deus como desejo de não se afastar da presença do Senhor, como temor de esquecê-la, de não reconhecê-la e adorá-la em cada encontro e circunstância, ou em cada gesto de oração, serviço, trabalho, responsabilidade, é uma grande luz sobre a nossa vida e vocação, e sobre a vocação de cada cristão. Toda a vida é unificada pela fé em Jesus presente, no desejo de contemplar sempre a sua Face, de acolher o seu olhar benevolente e benéfico sobre a nossa vida. Quando Jesus olhou para Pedro no pátio do sumo sacerdote (cf. Lc 22, 61-62), ainda que para Pedro tenha sido como ser trespassado por uma espada em pleno coração, foi verdadeiramente um ato de imensa benevolência, porque naquele olhar Pedro reencontrou toda a verdade da sua vida, todo o sentido da sua vocação, toda a sua dependência da presença de Jesus. Por isso, para ele foi certamente terrível saber que Jesus estava morto, porque era como se ele mesmo morresse e tudo nele fosse reduzido a nada. Mas isto fez com que, para ele, a ressurreição fosse um renascimento total, uma ressurreição da sua existência, do seu coração, do seu “eu” mais verdadeiro.

Cada vez que na Ordem assistimos a graves faltas de verdade, de obediência, de humanidade, de fidelidade à vocação, percebo sempre mais que o verdadeiro problema não é tanto o pecado, a infidelidade, e nem mesmo a maldade e a mentira que certas pessoas exprimem. Pecadores, infiéis, maus e falsos, de um modo ou de outro, somos todos. O verdadeiro problema é a falta de temor de Deus, a falta do temor de perder a presença de Cristo. Não digo isso para condenar, mas é importante entender que o verdadeiro problema é justamente esse; por isso, é sobre isso que precisamos procurar trabalhar, ajudar, formar e nos converter todos. Não se torna santo porque se é bom, fiel, verdadeiro, sem pecado, mas porque se permite ao Senhor presente salvar-nos da nossa maldade, infidelidade, mentira e pecado.

Sobretudo, não se deve esquecer que, se o temor de Deus é o temor de perder a sua presença, não se educa para esse temor exercitando o temor, mas a Presença. Não se aprende a nadar exercitando o medo de afogar-se, mas tomando gosto pela beleza de estar na água, manter-se à tona e avançar com determinados movimentos. Somente se tomarmos gosto pela Presença do Senhor, que é a realidade mais bela e boa que possa habitar a nossa vida, estaremos verdadeiramente atentos a não perdê-la.

Mas a presença de Cristo é verdadeiramente o coração da vida das nossas comunidades?